



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE GEOGRAFIA**

ANIZABEL COSTA DUARTE DO REGO

**A GEOGRAFIA FÍSICA E OS OBJETOS DIDÁTICOS NA OBRA *PRATICAS
DE GEOGRAPHIA***

Campina Grande – PB

2018

ANIZABEL COSTA DUARTE DO REGO

A GEOGRAFIA FÍSICA E OS OBJETOS DIDÁTICOS NA OBRA *PRATICAS DE GEOGRAPHIA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em ensino de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Geografia

Área de Concentração: Ensino de Geografia

Orientadora: Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias

Campina Grande-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R343g Rêgo, Anizabel Costa Duarte do.
A geografia física e os objetos didáticos na obra Práticas de geographia [manuscrito] : / Anizabel Costa Duarte do Rêgo. - 2018.

40 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Esp. Angélica Mara de Lima Dias, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Geografia física. 2. Identidade nacional brasileira. 3. Objetos didáticos. I. Título

21. ed. CDD 910.02

ANIZABEL COSTA DUARTE DO REGO

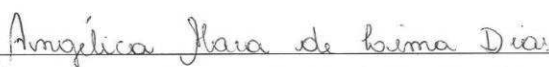
A GEOGRAFIA FÍSICA E OS OBJETOS DIDÁTICOS NA OBRA *PRATICAS DE GEOGRAPHIA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em ensino de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Geografia

Área de Concentração: Ensino de Geografia

Aprovada em: 23/04/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Valéria Raquel Porto de Lima (Examinadora Interna)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho (Examinador Externo)

Universidade Federal de Campina Grande

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que de alguma forma doaram um pouco de si para que a conclusão deste trabalho se tornasse possível:

A Deus pelo dom da vida, pelos ensinamentos, pela sabedoria, por guiar meus caminhos até aqui.

A minha família em geral e ao meu namorado Lucas que sempre apoiaram meus estudos e me auxiliaram de diferentes formas. Amo vocês!

A professora Angélica Mara, que me acompanha desde a graduação incentivando-me a chegar aqui. E mesmo com seus diversos afazeres reservou um tempo para minha orientação. Obrigada Professora!

Aos professores de cada disciplina ministrada no curso por reservar uma tarde da semana para contribuir com a nossa formação.

As minhas amigas Mylena e Josseane, que estão comigo desde a graduação, sempre apoiando. Obrigada meninas, com vocês essa caminhada tornou-se mais leve. Também agradeço as amigadas constituídas durante a especialização: Alany, Rozana e Magnólia e aos meus colegas de curso que contribuíram com suas diferentes experiências.

Agradeço também a todos que direta ou indiretamente contribuíram com esse trabalho.

RESUMO

A disciplina Geografia foi importante para a construção da ideologia nacional no Brasil na década de 1920 por apresentar temas como o destaque atribuído à nossa extensão territorial, à exuberância de nossa natureza e à discussão acerca da constituição do povo. Dessa forma nosso objetivo é analisar como os objetos didáticos e as temáticas físicas influenciaram na construção da identidade nacional brasileira, no recorte histórico supracitado. Este recorte se justifica por ser momento em que se instaura uma Geografia de orientação moderna no Brasil e se dá início a difusão dos ideais da Escola Nova, o que marca uma renovação no âmbito educacional. É neste período também que é publicada a obra que nos serve de fonte de pesquisa *Praticas de Geographia* de Raja Gabaglia. Para embasar nossa pesquisa realizamos um levantamento bibliográfico em diferentes fontes buscando entender o contexto escolar da época em que foi publicada a obra, baseada em diferentes autores como Silva (2012); Pessoa (2007); Valdemarin (2014); Albuquerque (2011); Rocha (1996); Dias (2013); Ferreira (2012); Rego (2016); Carvalho (1925); Gabaglia (192-). Na obra analisada podemos perceber que houve uma busca por um ensino de maneira prática, por meio da experiência e exercícios práticos, que orientavam o professor para que o aluno fizesse parte do processo de ensino. Percebemos que esses experimentos despertam a curiosidade do aluno e conseqüentemente seu interesse pelo tema, e estes apresentam os temas de Geografia física que levavam ao aluno o conhecimento sobre o seu local.

Palavras chaves: Identidade nacional. Geografia física. Objetos didáticos.

ABSTRACT

Geography discipline was important for the construction of the national ideology in Brazil in the 1920s for presenting themes such as the emphasis attributed to our territorial extension, the exuberance of our nature and the discussion about the constitution of the people. In this way our objective is to analyze how didactic objects and physical issues have influenced the construction of the Brazilian national identity, in the aforementioned historical clipping. This clipping is justified because it is a moment when a Geography of modern orientation is established in Brazil and the diffusion of the ideals of the New School begins, what marks a renovation in the educational scope. It is also during this period that the work " Practices of Geography " by Raja Gabaglia, that here serves as a source of research, is published. To substantiate our research, we carried out a bibliographical survey in different sources, seeking to understand the school context of the period in which the work was published, based on different authors such as Silva (2012); Pessoa (2007); Valdemarin (2004); Albuquerque (2011); Rocha (1996); Dias (2013); Ferreira (2012); Rego (2016); Carvalho (1925); Gabaglia (192-). In the analyzed work we can see that there was a pursuit for a teaching in a practical way, through the experience and practical exercises, that guided the teacher so that the student did part of the teaching process. We realize that these experiments arouse the curiosity of the student and consequently his interest in the subject, and these present the themes of Physical Geography that took to the student the knowledge about its place.

Key words: National identity. Physical geography. Learning objects.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro de Raja Gabaglia	26
Figura 2 e 3: Índice do livro <i>Praticas de Geographia</i>	27
Figura 4: Exemplo de formação de dunas	29
Figura 5: Esquema da explicação para o processo de formação das chuvas	30
Figura 6 e 7: Exemplo do uso do tabuleiro	31
Figura 8, 9 e 10: Exemplo do uso de fenômeno vulcânico	32
Figura 11: As correntes marítimas	33
Figura 12: Exercícios práticos	35

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - TRILHANDO A PESQUISA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DO TEMA ESTUDADO	7
1.1 - A GEOGRAFIA ESCOLAR E O PERÍODO ESTUDADO: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO NECESSÁRIA.....	7
1.2 - PONTO DE PARTIDA, CAMINHO METODOLÓGICO E ESTRUTURA DO TEXTO	9
CAPÍTULO 2 - A GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA BRASIL.....	12
2.1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA	12
2.2 - A GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA E O NACIONALISMO PATRIÓTICO	14
2.3 - OBJETOS E MÉTODOS DE ENSINO NA GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA	17
CAPÍTULO 3 - A GEOGRAFIA FÍSICA, OBJETOS DIDÁTICOS E IDENTIDADE NACIONAL, NA OBRA <i>PRATICAS DE GEOGRAPHIA</i>	22
3.1 - GEOGRAFIA FÍSICA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL	22
3.2 - RAJA GABAGLIA E A OBRA <i>PRATICAS DE GEOGRAPHIA</i>	24
3.3 - A GEOGRAFIA FÍSICA EM <i>PRATICAS DE GEOGRAPHIA</i>	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

CAPÍTULO 1

TRILHANDO A PESQUISA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DO TEMA ESTUDADO

1.1 - A GEOGRAFIA ESCOLAR E O PERÍODO ESTUDADO: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO NECESSÁRIA

Desde a sua constituição, a Geografia é uma disciplina que se preocupa com os aspectos relacionados à natureza, tanto que nas aulas desta disciplina, por muito tempo, os conteúdos abordados priorizavam um caráter mais físico voltados para a quantificação do território e a exaltação das belezas naturais deste.

No Brasil, quando essa disciplina se institucionaliza nos currículos escolares em meados século XIX, o ensino de Geografia se realizava a partir de nomenclaturas, desconsiderando o contexto de um determinado conteúdo, ensinavam-se os nomes dos rios, montanhas, nome dos estados e capitais. Não havia uma preocupação com a didática e o ensino era realizado de forma mnemônica.

Esta perspectiva de Geografia, vale salientar, estava atrelada a uma ciência de orientação clássica, baseada no positivismo. Conseqüentemente, o ensino desta ciência também estava atrelado a uma perspectiva de escola tradicional. Essa educação tradicionalista vai sofrer mudanças significativas no século XX, mais precisamente na década de 1920 quando os ideais do movimento educacional Escola Nova se instalam no país. Nesse contexto, o ensino da Geografia na escola também passa por uma renovação e ganha uma orientação moderna.

A inserção dos ideais escolanovistas no Brasil inicia no fim do império até o início do século XX e mais fortemente na década de 1920, que se institucionaliza com a assinatura do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* em 1932 (NAGLE, 2009). Esse manifesto foi assinado pelos ditos renovadores da educação, que em sua maioria eram autores de livros didáticos. Na Geografia, destacamos que fizeram parte deste movimento os professores – e autores de livros didáticos - Delgado de Carvalho e Raja Gabaglia, responsáveis por uma orientação moderna na Geografia brasileira inserida a partir da escola.

Os renovadores da educação buscavam superar o ensino tradicional e, defendiam o método de ensino intuitivo como aliado nesta empreitada. Sendo assim, a aplicação deste método também teve destaque na Geografia escolar, seus propositores buscavam

superar o caráter descritivo da Geografia, baseados na observação, reflexão e contato direto com a natureza. Para tanto, o uso de objetos didáticos em sala de aula se mostrava importante, uma vez que mostravam aos alunos realidades que eles não poderiam ter contato.

É neste momento que as temáticas de Geografia física, passam a ser de grande importância para o conhecimento geográfico e, conseqüentemente, valorização do território nacional, uma vez que esse período é marcado também pelo problema da nacionalidade. Segundo Nagle (2009) nesse momento houveram esforços das correntes nacionalistas para alfabetizar o povo brasileiro, que até então era um problema para a nação, “de qualquer maneira, se privilegia a dimensão cívico-nacionalizadora da escolarização” (p. 263).

Ainda de acordo com o autor supracitado, a difusão dos ideais escolanovistas se deu através da expansão e modificação das literaturas, com a publicação de trabalhos com assuntos alusivos à nova Pedagogia. De acordo com Valdemarin (2010), a Escola Nova “enfeixava um conjunto de ideias que sustentavam a importância da instituição escolar para a construção de um projeto político social num período marcado pela recomposição de forças dos grupos participantes no poder” (p. 208).

É nesse cenário de mudanças que se destacam reformas¹ para educação vigente, que tentavam homogeneizar os programas escolares. Para Pessoa (2007), o programa direcionado ao ensino de Geografia “nos dava uma nítida orientação de aproveitar sempre as observação e impressões colhidas pelos alunos, aplicando sempre que possível o método intuitivo por meio de demonstrações e experiências” (p. 51).

Portanto, nosso objetivo é analisar como os objetos didáticos – auxiliares em proporcionar demonstrações e experiências aos alunos - e a Geografia física influenciaram na construção da identidade nacional brasileira. Nosso recorte histórico é a década de 1920, momento em que o problema da nacionalidade entra em evidência no Brasil, e também se dá a instauração da Geografia moderna, acompanhada da difusão dos ideais da Escola Nova. Para tanto, utilizaremos como fonte de pesquisa a obra *Praticas de Geographia* de Raja Gabaglia (192-)², professor de Geografia e escolanovista já mencionado anteriormente. Este material nos permite um olhar que

¹ Sobre as reformas na educação brasileira ver: MATE, Cecília Hanna. **Tempos modernos na escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira**. Bauru: EDUSC; Brasília: INEP, 2002.

² Devido à má condição da obra não foi possível verificar o ano da publicação, só sabemos que a esta é da década de 1920. Vale salientar que estamos com a impressão do arquivo digital desta obra, visto que essa se encontra na biblioteca do Colégio Pedro II onde foi feita a reprodução fotográfica da mesma.

marca o início do período marcado pela presença da Geografia moderna na escola brasileira bem como a construção de uma identidade patriótica.

Na obra analisada podemos perceber que houve uma busca por um ensino de maneira prática, por meio de experiência e exercícios práticos, com destaque para o uso de objetos didáticos, que orientavam o professor para que o aluno fizesse parte do processo. Percebemos que esses experimentos despertam a curiosidade do aluno e conseqüentemente seu interesse pelo tema. Nos experimentos apresentados percebemos os temas de Geografia física levavam ao aluno o conhecimento sobre o seu local.

1.2 PONTO DE PARTIDA, CAMINHO METODOLÓGICO E ESTRUTURA DO TEXTO

Foi a partir das distintas experiências vivenciadas³ na graduação que surgiu o interesse em estudar o ensino de Geografia. A partir do programa de pró-licenciatura, tive meu primeiro contato com ambiente escolar no Projeto Geoescola, no ano de 2013, que objetivava mostrar nas instituições públicas de ensino médio, conhecimentos sobre o curso de licenciatura em Geografia. Posteriormente, através do Programa de Iniciação à Docência- PIBID continuei atuando nas escolas públicas, dessa vez buscando diferentes metodologias que ajudassem as aulas da disciplina, e assim, proporcionando uma vivência na prática docente.

Nesse contexto surgiu o interesse em compreender as inovações metodológicas a partir da inserção de materiais didáticos na Geografia escolar, e a partir disso escrevi meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Inovações Pedagógicas na Geografia Escolar: uma análise a partir de fontes históricas, que tinha como objetivo analisar a importância dos recursos didáticos na prática de ensino de Geografia. Para tanto, utilizei uma abordagem desses recursos didáticos em uma perspectiva histórica, utilizando um recorte temporal, da década de 1920 até 1970, marcado pela orientação moderna da Geografia no Brasil. Então, escolhi como principal fonte a obra “*Práticas de Geographia*” de Raja Gabaglia publicado na década de 1920 e como material de apoio, as Revistas do IBGE (1963 – 1969), a obra *Methodologia do Ensino Geographico* de Delgado de Carvalho.

³ Pelo fato de parte desse tópico se referir as minhas experiências vivenciadas durante a academia, esta parte do texto está escrita em primeira pessoa do singular.

Percebendo a importância da obra “*Práticas de Geographia*” de Raja Gabaglia decidi continuar uma análise nesse trabalho, dessa vez buscando analisar como os recursos didáticos, aqui chamados de objetos didáticos, presentes nessa obra, e a Geografia física influenciaram na construção da identidade nacional brasileira.

A metodologia qualitativa deu suporte ao tema pesquisado, que segundo Gatti e André (2010) trouxe contribuições para o progresso do conhecimento em educação e vem crescendo nacionalmente o desenvolvimento de pesquisas “com apoio na perspectiva histórica” (p. 35). Para eles, é possível colocar estas no grupo que se utiliza da história oral e os aportes da sociologia caracterizado por “uma tendência [...] pelos estudos sobre a escola, as disciplinas e os materiais escolares, associados a perspectiva histórica aos estudos culturais e às questões curriculares” (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 35).

Fazemos parte do grupo que estuda as disciplinas escolares, neste caso a Geografia escolar, e defendemos esta como sendo uma construção histórica e social, não sendo apenas uma simplificação da ciência acadêmica. Para tanto, nos apoiamos nos estudos de Bittencourt (2004), Chervel (1990) e Goodson (1990), e acreditamos que a escola produz um saber distinto do acadêmico, e, por isto, também produz artefatos de uma cultura própria, como os materiais didáticos. Sendo assim, nos utilizamos de um material didático como fonte de pesquisa, o livro de Raja Gabaglia *Práticas de Geographia* (192-). Esta obra é rara e de difícil acesso, pois se encontra na biblioteca do Colégio Pedro II e não está disponível ao público⁴.

Para embasar nossa pesquisa realizamos um levantamento bibliográfico, sobre a temática relacionada, em diferentes fontes: livros, dissertações, artigos, entre outros, buscando entender o contexto escolar da época em que foi publicada a obra, baseada em diferentes autores como Albuquerque (2011); Carvalho (1925); Dias (2013); Ferreira (2012); Gabaglia (192-); Pessoa (2007); Rego (2016); Rocha (1996); Silva (2012) e Valdemarin (2014).

Buscando facilitar a compressão deste trabalho, o estruturamos da seguinte maneira: o capítulo um conta o processo de pesquisa, da escolha do tema, dos procedimentos metodológicos, as fontes e o objeto de pesquisa. E também nesse capítulo discorreremos sobre a Escola Nova no Brasil contextualizando o recorte histórico.

⁴ Tivemos acesso a tal obra por meio da coordenadora do Grupo de Pesquisa Ciência, Educação e Sociedade – GPCE/UEPB, a professora Maria Adailza Martins de Albuquerque, que através de suas pesquisas sobre livros didáticos de Geografia conseguiu autorização para digitalização da obra em análise.

No segundo capítulo abordaremos sobre a Geografia moderna no ensino secundário brasileiro, mostrando as contribuições desse período no ensino e abordando a relação desta com o nacionalismo patriótico. Abordamos também a relação da Geografia e os métodos de ensino vigentes no período.

Por fim apresentaremos as contribuições de Raja Gabaglia e a obra *Práticas de Geographia* e apresentamos os objetos didáticos utilizados para o ensino da Geografia física presentes nessa obra.

CAPÍTULO 2: A GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA NO BRASIL

Após compreender o que nos motivou a trabalhar essa temática nesse trabalho e as transformações que a Geografia sofreu no início de vigência do período republicano, abordaremos agora especificamente sobre a Geografia escolar moderna, que instaura no Brasil na década de 1920 durando até a década de 1970, sob influência dos pensadores da Escola Nova.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA

A Geografia escolar brasileira na 1920 começa a apresentar uma influência da orientação moderna no ensino, esse momento é reconhecido como de renovação para disciplina. Professores buscaram ir de encontro ao ensino tradicional e “pleiteavam formas urgentes de renovação do ensino desta disciplina, tanto no que se refere as metodologias utilizadas em sala de aula, quanto aos respectivos conteúdos ensinados” (PESSOA, 2007, p. 43).

A Geografia clássica, que predominava nas escolas no final do século XIX, com característica descritiva, mnemônica e enciclopédica, sofre mudanças com a inserção do movimento da Escola Nova e o método intuitivo. Este movimento foi marcado pela disseminação de uma nova maneira de ensinar, buscando um “novo sentido das transformações que se processam no terreno das histórias das ideias educacionais” (NAGLE, 2009, p. 261). Para tanto, os renovadores da educação passaram organizar o campo educacional através de um movimento de modernização, como nos mostra Rocha (1996):

Este momento pode ser definido como uma fase de constituição da modernidade educacional voltada para a constituição de uma sociedade moderna e republicana, com projetos que dão uma nova configuração ao processo de escolarização brasileira mesmo que de forma lenta, evidenciando, portanto, as permanências próprias desse e de outros processos históricos (p. 65).

De acordo com Albuquerque (2011) no período entre 1911 e a década de 1930 “assiste-se, pelo menos em parte da produção escolar, à incorporação de aportes teórico-

metodológicos e de temas difundidos pela recém-criada Geografia moderna no Brasil e pela Pedagogia científica” (p. 21). A introdução da Geografia moderna no Brasil “tem início nas proposições para a escola, portanto é na Geografia escolar que se evidencia a introdução desse fazer científico” (Idem, ibidem, p. 42). Sobre tal fato, nos acrescenta Rocha (2009):

É interessante que chamemos atenção para o fato de ter sido a Geografia moderna primeiramente veiculada nos currículos escolares e só posteriormente nas Universidades, pois isto reforça a ideia que defendo nos meus trabalhos anteriormente produzidos, que é a da autonomia que as disciplinas escolares possuem em relação as suas ciências ou saberes de referência (p. 78).

Esse período foi marcado por uma orientação francesa, no qual Delgado de Carvalho e Raja Gabaglia propõem mudanças que procuram romper com a abordagem metodológica tradicional da época, com propostas de inovações metodológicas para o ensino de Geografia (REGO, 2016).

Conhecido pela sua forte influência “o movimento introduzido por Delgado de Carvalho assinala uma transformação teórico-metodológica tanto no sentido epistemológico da ciência geográfica brasileira quanto na pedagogia do seu ensino” (SILVA, 2012, p.285). Podemos encontrar diversos trabalhos a respeito desse autor e suas obras, como por exemplo Vlach (1988); Albuquerque (2011); Rocha (1996); Dias (2013); Ferreira (2015); Rego (2016), entre outros.

Em sua obra *Methodologia do Ensino Geographico*, publicada no ano de 1925, Delgado de Carvalho propunha novas metodologias para o ensino de Geografia e criticava o ensino mnemônico que se configura no Brasil, com listas de nomenclaturas imensas, longe da realidade do aluno. Delgado então faz comparações entre a Geografia ensinada no Brasil e a de outros países, como podemos ver nas suas palavras:

Nas escolas do Brasil e de outros países de nosso continente, a Geografia é o estudo de uma das modalidades da imaginação humana, isto é, da sua faculdade de attribuir nomes, de chrismar areas geographicas. [...] Aqui, quem não sabe nomenclatura não sabe geographia, e deste modo a poesia e a geographia são productos directos da imaginação, apesar de fazerem parte de cadeiras differentes (CARVALHO, 1925, p. 4)⁵.

⁵ As citações aqui apresentadas estão redigidas em sua forma original de escrita.

Para Delgado, a Geografia moderna se caracterizava pela comparação. Segundo Rocha (2009), ele diferenciava a Geografia tradicional que estudava “o universo e seus habitantes” enquanto a Geografia moderna estudava o “universo em relação aos seus habitantes”.

Delgado criticava o ensino inconsistente da Geografia no Brasil, defendia a Geografia moderna nas salas de aula, pois esta possuía mais rigor conceitual e qualidade, com caráter mais científico. Criticou a mera nomenclatura e defendeu que o estudo partisse da Geografia física elementar (ROCHA, 2009).

Desta forma, percebemos a preocupação de Delgado com o ensino de Geografia brasileira e entendemos que devido a isso, ele pode ser considerado como um dos grandes nomes e percussores da Geografia moderna no Brasil. Com suas propostas modernas para o ensino desta disciplina, trouxe inovações metodológicas que se opunham ao ensino tradicional e mnemônico aqui empregado em sala de aula. Em outro trabalho (REGO, 2016) podemos perceber a diversidade de metodologias que estão presentes na obra citada, como: aulas de campo, projeções, imagens, fitas cinematográficas, entre outras infinitudes de recursos que auxiliavam as aulas do professor de Geografia.

Outros nomes também contribuíram para essa chamada Geografia moderna, como é o caso de Raja Gabaglia, autor cuja obra é objeto de estudo desse trabalho. Este autor foi professor do Colégio Pedro II, autor de livros didáticos e pretendia fundar uma nova Geografia ao lado de Delgado de Carvalho. Segundo Rego (2016, p. 44) “o livro de Raja Gabaglia marca uma nova forma de ensinar, por meio da aula prática, com a utilização de diferentes recursos que promovessem a curiosidade e a participação do aluno no processo de aprendizagem”.

Como podemos perceber, a Geografia moderna no Brasil teve grande importância na difusão de novas metodologias para sala de aula, para isso, autores como os mencionados acima, contaram com o recurso de livros didáticos voltados, principalmente, para orientação dos professores de Geografia. Apresentaremos essa discussão no tópico a seguir.

2.2 A GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA E O NACIONALISMO PATRIÓTICO

De acordo com Rocha (1996) os chamados Estados Nacionais surgem à medida que o modo de produção capitalista se consolidava, e formas espaciais preexistentes

(como os feudos) se tornavam um empecilho para os interesses econômicos e políticos da burguesia em ascensão, criando a necessidade de surgir esta nova forma jurídico-espacial.

Entretanto, esta forma, Estado-Nação, precisava ser assimilada pelo coletivo da sociedade, assim a escola “enquanto aparelho ideológico do Estado passou a ser vista pela burguesia como importante instrumento para se alcançar tal intento” (ROCHA, 1996, p. 58). Este autor vai discutir mais sobre a escola afirmando que esta:

[...] foi revestida de um caráter nacional e as disciplinas que compõem o seu currículo passaram a ter, como uma de suas finalidades, a disseminação de uma ideologia comprometida com o nacionalismo patriótico. A instituição escolar tornou-se, por excelência, o agente do sentimento nacional, o meio de espalhar em todos o patriotismo tão necessário para a unidade nacional almejada pela burguesia (ROCHA, 1996, p.158-159).

Nesse contexto, coube à Geografia o estudo do Estado-Nação, com bases físicas, buscando disseminar a ideia de que havia uma identidade entre as pessoas que nasceram no mesmo território nacional, como afirmou o autor supracitado. Essa valorização do Estado-Nação se deu, inicialmente, de uma forma mnemônica em que os alunos eram obrigados a conhecer todo seu território, memorizando as nomenclaturas das principais formações hidrográficas, cidades, relevos, vegetação, entre outros.

Com o advento da Geografia moderna, marcada por ser um período de renovação no ensino, com os ditos escolanovistas, vamos encontrar metodologias que valorizassem o território nacional e fossem de encontro ao ensino mnemônico que vigorava. Como podemos ver o que afirma Delgado (1913):

O ensino da Geographia patria é, entretanto, um dever de intelligencia e de patriotismo. Aos nossos jovens patricios não devemos apresentar a geographia do Brasil como uma disciplina austera e ingrata ao estudo. Por meio de bons mapas, de graphics, de perfis, de diagrammas, de photographias, se fôr possível, é preciso torna-la fácil e cativante. **É pelo conhecimento do país, pela consciência de suas forças vivas que podemos chegar a apreciá-lo a seu justo valor** (Grifo nosso, p. 9 -10).

Segundo Vlach (2004) a importância que Delgado de Carvalho conferiu ao ensino de Geografia está ligada à ideologia de nacionalismo patriótico, e “a ciência geográfica devia fornecer-lhe os fundamentos lógicos, com fim de atingir um ‘patriotismo verdadeiro, esclarecido e inteligente’” (p. 195).

A ideologia do nacionalismo patriótico está associada ao contexto político da época, que buscava a formação da nação brasileira, os líderes políticos acreditavam que “a educação do povo era a única alternativa para realização desse amplo e complexo processo” (VLACH, 2004, p. 195). Assim percebemos que a educação vai contribuir para formação de um povo único.

Rocha (2009) mostra que os estudos sobre Geografia do Brasil foram importantes como instrumento do nacionalismo na década de 1920, pois “já naquele momento, discursos nacionalistas são utilizados para justificar o papel das disciplinas como a Geografia, deveriam cumprir dentro do espaço escolar” (p. 91).

Para Gaudio (2007, p. 48) “a instituição dessa disciplina escolar acontece no âmbito de uma crescente necessidade de se construir a ‘identidade nacional’, calcada na extensão do território, na sua natureza, no caráter ‘pacífico e ordeiro’ de seu povo”. Ainda de acordo com este autor, cabe ao Estado à função de “fundar a nação” e para tanto o ensino de Geografia pode contribuir para essa construção do “ponto de vista simbólico (as matas, o verde, o ‘futuro’, a grandeza, o povo, as riquezas), quanto a conferir-lhe um ‘desenho’ que a destaque, a partir de então, no cenário das nações mundiais” (GAUDIO, 2007, p. 49).

Este autor ainda nos acrescenta que no Brasil tivemos a ausência de “mitos nacionais” e por isso a Geografia foi importante para a construção da identidade nacional com um discurso sobre sua natureza, a extensão territorial, o privilégio do clima e das águas, e as riquezas naturais. Para Vlach (2004) a Geografia:

Foi entendida [no processo de constituição das disciplinas escolares no Brasil] como ferramenta poderosa da educação do povo. De um lado, porque fazia do território brasileiro o elemento central de seu conteúdo, porque sua descrição valorizava sua dimensão, suas riquezas, sua beleza; de outro, porque a ideia de território por ela veiculada permitia a substituição do sujeito pelo objeto. Em outras palavras: a ideia de território dissimulou as ações concretas dos líderes (políticos, intelectuais, etc.) que conduziam, de “cima para baixo”, a construção da nação e do cidadão para consolidar o Estado brasileiro, dissimulando mesmo o fato de que o estado construía a nação brasileira (p. 195).

Dessa forma verificamos a importância da Geografia escolar na constituição do nacionalismo patriótico do povo brasileiro. Uma Geografia que valorizava o território nacional através da natureza e valorização do povo criando “um ‘imaginário comum’ capaz de conferir uma ‘comunhão profunda entre os nacionais’” (GAUDIO, 2007, p. 53).

De acordo com Rocha (1996) no período de 1930/40 a Geografia escolar teve caráter de “difusão da ideologia do nacionalismo patriótico, motivo que levou essa disciplina a receber, enquanto componente curricular, o maior prestígio oficial a ela atribuído em toda sua trajetória” (p. 246). Apesar de não ser a pretensão deste trabalho abranger esse recorte, merece destaque a importância do ensino de Geografia na época.

2.3 OBJETOS E MÉTODOS DE ENSINO NA GEOGRAFIA ESCOLAR

No tópico anterior vimos que, no contexto educacional, a década de 1920 foi marcada pelo problema da nacionalidade e a renovação educacional, principalmente no que se refere as práticas escolares, pela inserção do método de ensino intuitivo difundido pelo movimento escolanovista.

É nesse contexto que, de acordo com Souza (2013) “a centralidade dos objetos na educação dos sentidos consistiu em um dos principais pressupostos do método intuitivo, considerado o ícone da escola moderna no final do século XIX” (p. 105). Esse método surge nos estudos de Comênio e, um século depois, nos estudos de Rousseau. Ambos autores se preocuparam, de forma direta ou indireta, com a educação. Comênio defendia a ideia de que todos devem ser educados porque são filhos de Deus. Já Rousseau modifica esse pensamento, com um viés mais político, defendendo a ideia de que todos devem ser educados para o exercício da cidadania (VALDEMARIN, 2014). Ainda segundo Valdemarin (2014),

[...]os dois autores, Comênio e Rousseau, no entanto, ao afirmarem o método para ensinar como definidor do trabalho docente amparam-se numa concepção sobre o conhecimento que tem nos sentidos humanos sua origem, da qual fazem decorrer os procedimentos didáticos propostos por cada um deles que têm na experiência a ser vivenciada e na atividade seu elemento decisivo (p.160).

Tais conhecimentos foram aceitos e disseminados por diferentes educadores durante os séculos XIX e XX, a exemplo de Pestalozzi, Frobel, Maria Montessori, John Dewey entre tantos outros que defenderam uma nova forma de ensinar, buscando a superação do caráter livresco e mnemônico do ensino, tentando fazer da educação algo com sentido para os que aprendiam através da renovação de práticas pedagógicas.

Segundo Nagle (2009) no Brasil a Lição das Coisas aparece na Reforma de Leôncio de Carvalho em 1879, mas é na década de 1920 que o método intuitivo ganha espaço contribuindo para o “aparecimento ou desenvolvimento de atividades

curriculares relacionadas com a educação física e os jogos educativos, trabalhos manuais, o desenho, a música e o canto o teatro e o cinema escolares” (p. 266). Dessa forma foram atribuindo novos sentidos à antigas práticas.

Valdemarin (2014), caracteriza o método intuitivo, que ficou conhecido também como Lição das Coisas, da seguinte maneira: “caracterizado como sendo a prática pedagógica que faz uso de objetos didáticos, conhecidos ou semelhantes àqueles conhecidos pelos alunos para promover a aprendizagem” (p. 161). A percepção sensorial é o fundamento de todo esse conhecimento, ou seja, o conhecimento das coisas que estão ao nosso redor é possível pelo fato de termos sentidos que ligam o objeto a ser conhecido com o sujeito que conhece.

Segundo Dias (2013) o método intuitivo foi uma ferramenta de consolidação na diversificação de materiais didáticos no final do século XIX e início do século XX. Esses materiais, em parte, foram responsáveis pela circulação de ideias no contexto em questão, “observar e trabalhar eram essenciais no método e os objetos didáticos tornaram-se elemento pedagógico mais significativo das lições das coisas” (SOUZA, 2007, p. 175).

De acordo como Valdemarin (2014) esse método “têm os objetos como suporte didático e os sentidos como os atributos humanos que possibilitam a produção de ideias” (p.163). A utilização desses objetos didáticos tornavam os alunos mais autônomos, sem ficarem presos à memorização de conteúdos. Sendo assim, este método fez com que professores utilizassem, frequentemente, os materiais didáticos no ensino das disciplinas, como nos mostra Souza (2007):

Para tudo era necessário material [...]. Para o ensino de geografia e história: globo terrestre, tabuleiros de areia, quadros de história do Brasil, mapas. Para o ensino de ciências físicas e naturais: laboratórios, museus, quadros Deyrolle, estampas, quadros de história natural, esqueleto humano, bússola, microscópio, peças anatômicas, mapas de física [...] (p. 175).

Dentre esses materiais, os livros didáticos, que eram criticados por fornecerem material para memorização, ganham uma nova função com a emergência desse método, “são privilegiados aqueles elaborados especialmente para uso escolar – os manuais didáticos – destinados principalmente para professores como meio de divulgar novas práticas pedagógicas” (VALDEMARIN, 2014, p. 164), como é o caso do livro de Raja Gabaglia nossa fonte de pesquisa, que busca guiar o professor em sua prática.

No que se refere ao ensino de Geografia, Dias (2013) mostra que com os denominados ‘renovadores da educação’ discutiram e adaptaram os métodos e práticas de ensino “autores como Delgado de Carvalho, Raja Gabaglia, Firmino Proença e João Toledo, contemporâneos dos chamados escolanivistas, já alertavam os professores sobre uma ‘maneira inovadora de ensinar Geografia’” (p. 28). Para Carvalho (1925):

É mais fácil ensinar por meio de livros e de palavras, porém, em geographia é mais proveitoso ensinar por figuras de observação muitíssimo mais desenvolvidas do que as suas faculdades de elocução e expressão; por isso convém fornecer-lhe maior material de observação, muito maior numero de realidades do que jámais poderá decorar (p. 72).

Como podemos perceber, para Delgado (1925) a utilização do método da observação (método intuitivo) é indicado para superar o método mnemônico, a partir da educação dos sentidos. De acordo com Valdemarin (2010), as lições de coisas contemplam atividades de diálogo e uso de objetos didáticos, como uma forma de despertar o interesse no aluno. Concordando com ela, Souza (2013) mostra que:

Na proposição do método intuitivo a observação e os objetos foram considerados instrumentos indispensáveis para auxiliar na passagem das percepções às ideias. Dado que o conhecimento do mundo material era derivado dos sentidos, cabia à escola colocar as crianças em contato com os objetos (p. 106).

Esse método vai sofrer alterações com as proposições pedagógicas de John Dewey, tendo como base a experiência reflexiva. De acordo com Valdemarin (2014) este autor,

[...] denomina de experiência reflexiva o método de ensino adequado para colocar em prática uma nova concepção educacional. Essa experiência consiste numa combinação muito específica de elementos ativos e passivos capazes de gerar conhecimentos, isto é, significado para o sujeito que as pratica (p.174).

Então podemos perceber que o ensino passa a se preocupar com a percepção das relações existentes entre os fatos, seres e objetos. Dewey vai definir o conceito de experiência reflexiva e assim estabelecer um método mais adequado para o processo de conhecimento do aluno, uma vez que, “a experiência qualitativamente superior, é aquela não acadêmica, que possibilita estabelecer ligação com situações vividas fora da escola” (VALDEMARIN, 2014, p. 176). Em outra publicação Valdemarin (2010) diz que a experiência reflexiva para Dewey é o método adequado “que consiste numa combinação

muito específica de elementos ativos e passivos capazes de gerar conhecimento, isto é, significado para o sujeito que a pratica” (p. 65). Para ele, a escola deveria despertar o interesse a partir da reflexão das situações cotidianas.

Souza (2013) compara o método de ensino intuitivo que vigora no início do século XX, com a proposição de Dewey, que predomina como modelo pedagógico até o final desse mesmo século, apontando mudanças significativas:

No método intuitivo, a seleção dos objetos, mesmo guardando relações com a infância, resultava de uma escolha do adulto. Na Escola Nova, os objetos de ensino são recursos auxiliares que devem ser disponibilizados pela escola para favorecer a atividade do aluno. Portanto, na pedagogia nova, os objetos de ensino perdem a centralidade adquirida na renovação pelas lições de coisas. Eles deixam de ser condição para a aquisição do conhecimento e se convertem em meios, componentes de um ambiente deliberadamente organizado para fomentar experiências de aprendizagem (SOUZA, 2013, p. 108).

Sendo assim, na pedagogia proposta por Dewey o “objeto como ponto de partida das ideias foi substituído pelo problema, isto é, o conhecimento resultava da indagação geradora da reflexão que partia da experiência do aluno” (SOUZA, 2013, p. 108).

Sobre essas mudanças que ocorrem no método no decorrer da década de 1920, com novos pensamentos advindos da Escola Nova, Santos (2005) aponta que “indicavam uma forma nova de ensinar: o aluno não deveria somente ver e sentir o que lhes ensinavam, mas também agir, que dizer, pensava-se que o aluno aprendia fazendo” (p.133). De acordo com Vademarin (2010) para Dewey “a teoria não tem significado senão quando crivada pela experiência que, por sua vez, é capaz de mobilizar conhecimento intelectual para produzir saber” (p. 67).

Dewey aponta a História e a Geografia como disciplinas que “permitem enriquecer e dar expansão aos contactos mais diretos e pessoais da vida fornecendo-lhe seu contexto, seus apoios ou fundamentos e sua perspectiva e horizonte” (DEWEY, 1959, p. 232). A Geografia permitiria estimular a imaginação através das discussões sobre viagens, descoberta de outros povos e terras. Também deveria incluir o estudo da natureza e a relação do homem com o mundo, para tanto, jogos e brincadeiras poderiam ser utilizados como recursos metodológicos (VALDEMARIN, 2010).

Assim, notamos a influência de Dewey no movimento da Escola Nova, ou como ele chamou Escola Ativa, que se instaurou no Brasil no século XX. Diante disso ficam evidentes as mudanças no método, adotando um caráter mais ativo no processo de

ensino, levando em consideração a experiência pessoal vivenciada pelo aluno com o auxílio de objetos didáticos.

A Geografia, mesmo com a preocupação na disseminação dos valores patrióticos, incorpora o método intuitivo em suas práticas, inovando em suas metodologias a partir da inserção de objetos didáticos no ensino escolar, como podemos observar na obra *Práticas de Geographia*.

CAPÍTULO 3

A GEOGRAFIA FÍSICA E OS OBJETOS DIDÁTICOS DA OBRA *PRATICAS DE GEOGRAPHIA*

Já estudamos a Geografia moderna e vimos à influência dos ideais escolanovistas na educação a partir da década de 1920. Nesse contexto, destacamos Delgado de Carvalho e Raja Gabaglia na assinatura do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Enfim, nesse capítulo, iremos dar ênfase a obra *Praticas de Geographia* de Raja Gabaglia, por reconhecer a importância desta para o ensino de Geografia da época. Destacaremos as temáticas físicas, bem como a prescrição de objetos didáticos para o ensino destas.

3.1 GEOGRAFIA FÍSICA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL

Como já frisamos anteriormente, o conhecimento geográfico historicamente privilegiou a temática ambientalista, pelo fato de a Geografia tratar do estudo da paisagem, o ambiente, ou o ambientalismo, sempre esteve presente nas análises geográficas e por extensão, o conhecimento da natureza vem fazendo parte da estrutura curricular dos cursos de Geografia (FURRIM, 2012).

De acordo com Oliveira, Dias e Duarte (2014) a visão do século XIX era uma visão fragmentada da Geografia, a disciplina era trabalhada como “estudo da terra como habitat do homem”, o ensino era superficial, sem considerar o contexto de um determinado conteúdo. Utilizavam-se nomenclaturas, geralmente, de acidentes geográficos, apresentavam muitos dados, como por exemplo, a altura de um pico ou a extensão de um rio, como se isso fosse permanente, sem se aprofundar no porque o pico possuía essa altura, nem porque o rio tem essa extensão e qual a importância desse rio, etc.

Com a inserção dos ideais da Escola Nova esse panorama passa por mudanças. Os temas de Geografia física têm uma maior relevância na Geografia moderna, para Delgado de Carvalho os estudos deveriam ter como ponto de partida a fisiografia, ou seja, a Geografia física elementar,

A geographia pátria precisa, por conseguinte, servir de base e de ponto de partida ao estudo da physiographia e da geologia do globo. Devemos passar

mais rapidamente sobre os assumptos que não têm applicações no Brasil; deixemos o estudo mais detalhado das geleiras aos estudantes suissos e o exame circunstanciado dos volcões aos japonezes e aos equatorianos. Insistamos, em compensação, sobre climatologia tropical, sobre typos de formação littoranea, recifes, etc. (CARVALHO, 1925, p. 7).

Como podemos ver, os temas de Geografia física do Brasil fizeram parte da Geografia moderna, devido a necessidade de se ter um conhecimento maior do território brasileiro e assim despertar um sentimento patriótico nos alunos. Com os conteúdos da Geografia física e os novos métodos de ensino, buscou-se superar o caráter descritivo dessa disciplina para correlacionar assuntos, como nos aponta Carvalho (1913):

O regimen do rio Amazonas acha-se, como aliais o regimen de todos os rios, intimamente ligado não só a geologia da bacia, mas também ao regimen das chuvas, a inclinação das terras e a vegetação marginal. A estação das chuvas provoca as enchentes começam no mez de Fevereiro; é a época em que de tetem as neves dos Andes e cahem as chuvas torrenciais que caracterizam as regiões tropicaes; a cheia é variável, pode atingir de 12 a 17 metros (acim da estiagem). Essas enchentes de Fevereiro a Julho correspondem ás enchentes dos afflutntes da margem direita. Da-se porem o facto do rio Amazonas ser paralelo ao Equador e muito proximo desta linha: seu afluentes fazem, por consequintem parte dos dois hempherios, a época de enchente de um correspondendo a época de vazante do outro [...]. A vegetação marginal do Amazonas e de seus afluentes tem também grande importância para o regimen. As florestas, agindo sobre a evaporação, impedindo a queda directa da chuva sobre o solo e tornando o escoamento mais difficil, retem parte das aguas destinadas ao rio, que apezar da sua despesa ftuvial colossal não carrega nem 20 por cento das aguas cahidas na sua imensa hacia. [...] (p.36).

Esta é a parte do desenvolvimento do conteúdo, o autor procura explicar o rio como um processo, correlacionando com a geologia, geomorfologia, clima, influência da vegetação e o porquê das cheias. Diferentemente do ensino tradicional no qual o aluno era obrigado a memorizar o nome dos rios, dos acidentes geográficos, principais relevos e etc. Para Carvalho (1925) “a geographia physica não necessita o emprego de palavra difficies. Não ha phenomeno que não possa ser explicado de um modo simples, elementar” (p. 20).

Para Furim (2012) uma leitura rápida do livro de Carvalho (1913) deixa claro “tratar-se de uma Geografia que enxerga nos aspectos físicos o *lócus* em que as atividades econômicas vão se desenvolver de acordo com a disponibilidade de recursos oferecida pelas condições naturais” (p. 65). Ainda de acordo com essa autora, era a Geografia moderna que estava mais preparada para os estudos ecológicos de base interdisciplinar, pois esta “dispõe dos métodos necessários, e o que é fundamental, de

grande volume de informação científica sobre o meio e os recursos naturais sobre o grau e formas de apropriação e utilização econômicas” (FURIM, 2012, p. 46).

Então podemos perceber a importância da Geografia física no ensino, para formação de uma identidade nacional, preocupação trazida pelos escolanovistas professores de Geografia, como Raja Gabaglia, autor de livro didático que buscava auxiliar o professor na tarefa de ensinar.

3.2 RAJA GABAGLIA E A OBRA *PRATICAS DE GEOGRAPHIA*

São poucos os estudos sobre a vida do professor Fernando Antônio Raja Gabaglia (REGO, 2016). Encontramos no trabalho de Machado (2000) algumas contribuições sobre a vida desse autor, afirmando que este apresentou importantes contribuições para a renovação e difusão da Geografia no Brasil. Juntamente com Delgado de Carvalho, Everardo Backheuser e outros professores e pesquisadores, Raja Gabaglia objetivava fundar a nova escola de Geografia e desenvolver uma classificação para o território e para a população brasileira (REGO, 2016).

De acordo com Machado (2010) a disciplina Geografia para Raja Gabaglia ajudaria a constituição da sociedade pois instrumentalizaria as atividades do Estado. Ela ainda afirma que para esse autor “a disciplina Geografia forneceria ao Estado um domínio do território e, conseqüentemente, a possibilidade de realização da tão aclamada identidade nacional” (MACHADO, 2000, p. 133).

Fernando Antônio Raja Gabaglia atuou tanto no campo da Geografia quanto no da política educacional brasileira. Foi professor do ensino secundário no Colégio Pedro II, autor de livros didáticos e um dos fundadores do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atuou também como Secretário de Educação do Distrito Federal (1944) e Diretor de Colégio Pedro II. Junto com seu irmão João Capistrano Raja Gabaglia, contribuíram para a formação do Conselho Nacional de Geografia e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (MACHADO, 2000).

Delgado de Carvalho reconhece a importância desse professor, pois ao lado dele Raja Gabaglia elaborou o currículo do Colégio Pedro II e participou de discursões sobre a Escola Nova. Sobre tal feito,

A este propósito tenho o prazer de dizer que o jovem professor de geographia em cujas mãos se acham os destinos do actual programma do Collegio Pedro II, meu illustre amigo e collega, sr F. Raja Gabaglia, se acha francamente

contrário a orientação medieval que até hoje respeitou. Espírito formado na nova escola geographica, conhecedor das melhores obras estrangeiras sobre o assumpto, ele se acha em condições de emprehender a grande reforma de que necessitamos tanto (CARVALHO, 1925, p. 8).

Com a proximidade de ambos, buscaram inovar os métodos para se trabalhar a Geografia pátria e objetivaram tornar a Geografia mais moderna, baseando-se nas práticas humanas (REGO, 2016). De acordo com Silva (2012) inovações na bibliografia poderão ser vistas “a partir das obras de Manuel Said Ali, Miguel Delgado de Carvalho e Fernando Raja Gabaglia, as quais influenciaram não só o modo de ser da Geografia brasileira, mas anteciparam e reorganizaram o rumo da Geografia escolar” (p. 276). Ferreira (2012) também afirma que eles “lutavam por um ensino de Geografia que não mais se pautasse na descrição densa dos conteúdos e nas numerosas discussões da Geografia de outros países” (p. 134).

Abordando sobre os novos programas do Colégio Pedro II e inovação trazida por este professor, Delgado de Carvalho ainda afirma “os professores Fernando Raja Gabaglia e Honório Silvestre não recuaram diante de uma inovação radical e assumiram, pode-se dizer, uma attitude peremptória diante da opinião publica pedagógica” (1925, p. 23). Ele ainda defende a adoção desses professores a métodos modernos que “construíram um novo edificio, consultando o que havia de melhor no estrangeiro, à luz dos interesses da educação nacional” (Idem, Ibidem).

No que se refere ao livro *Praticas de Geographia*, o mesmo foi editado pela Francisco Alves. O ano de publicação não foi possível identificar com precisão, constando na ficha catalográfica apenas 192-, devido ao mal estado de conservação da obra. Esta está disponível em tela na biblioteca do Colégio Pedro II, portanto, tivemos acesso apenas ao arquivo digital da mesma. A seguir podemos ver a imagem da capa desta obra:

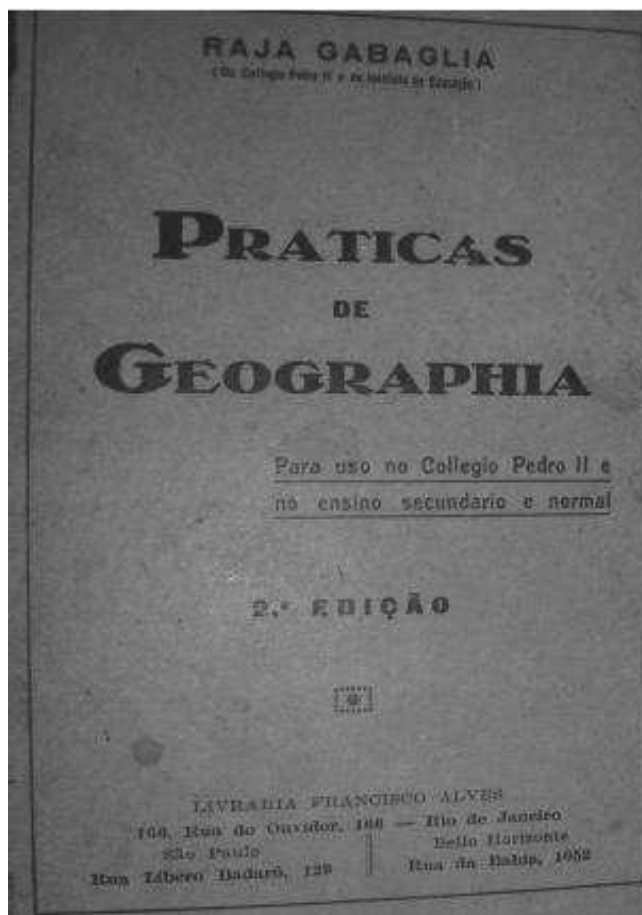


Figura 1: Capa do livro de Raja Gabaglia
Fonte: FERREIRA, 2012.

No que se refere a obra *Práticas de Geographia* (figura 1) contém 234 páginas, organizada em tarefas práticas, divididas em quatro eixos: I- Demonstrações e Experiência, no qual o autor demonstra experiências, por meio de instrumentos práticos, de alguns fenômenos geográficos, como a formação das chuvas, a influência da temperatura das águas na formação da corrente marítima; II- Determinações diversas, apresenta conceitos da Geografia e aborda sobre os fusos horários, os processos de orientação, o clima, os ventos entre outros; III- Trabalhos graphicos e plasticos; nesse eixo são apresentados as representações cartográficas, com trabalhos gráficos e de escala; finalmente temos o eixo IV- Leitura de cartas, no qual ele apresenta diferentes formas e utensílios que servem para medir cartas. Podemos ver abaixo (figura 2 e 3) a imagem do índice que descreve essa divisão.

<u>INDICE</u>		PAGS.
I — Demonstrações e Experiencias		
Demonstração dos movimentos da Terra com auxilio do tellurio	7/42	
Demonstração experimental do achatamen- to da Terra. A experiencia de Plateau	11/13	
Demonstração experimental do achatamen- to polar. A experiencia dos aneis de ago	14	
Demonstração experimental do movimento de rotação da Terra. A experiencia de Foucault	15/18	
Experiencias relativas a formas do relevo terrestre	19/23	
Demonstração experimental da formação das chuvas	24/26	
Experiencias sobre a acção das aguas no modelado da Terra	26/32	
Demonstração experimental de phenome- nos vulcanicos	33/35	
II — Determinações diversas		
Processos de Orientação	43/106	
Determinação da Latitude e da Longitude	45/64	
Tempo solar. Tempo médio. Equação do tempo	65/71	
Hora legal. Fusos horarios	72/78	
O clima: seus elementos e factores. A tem- peratura	79/86	
A pressão atmospherica	87/95	
A pluviosidade	96/100	
Os ventos	101/103	
III — Trabalhos graphicos e plasticos		
Escalas	107/112	
A representação do relevo do solo nas car- tas e planis	109/112	
A representação dos demais accidentes geographicos (signaes convencionaes)	113/126	
Copias de cartas	127/134	
		135/143

Figura 2 e 3: Índice do livro *Praticas de Geographia*
Fonte: FERREIRA, 2012.

Inicialmente, Gabaglia (192-) faz uma recomendação ao público ao qual obra se destina “servirá de guia nas aulas praticas para os professores e os alunos de Geographia Geral e Chorographia do Brasil do Collegio Pedro II, dos institutos a ele equiparados e, em geral, de todos os estabelecimentos de ensino secundário e normal do paiz” (p. 7). Sobre isso Rego (2016) aponta:

Desta forma, percebemos que esta obra serviria para os alunos exercitarem os conhecimentos adquiridos nas aulas de Geografia e, como um manual para os professores, organizarem suas aulas de forma mais prática, uma vez que, podemos observar que junto às atividades há uma espécie de manual do professor, mostrando cada passo os procedimentos metodológicos. Assim, percebemos como esta obra é importante para se entender as metodologias da época (p.33-34).

O trabalho de Gabaglia é considerado uma inovação por Ferreira (2012), pois com o manual do professor as atividades podem ser executadas conforme pensadas e organizadas pelo autor. E também na quantidade das imagens e no trato das mesmas, na qualidade dos conteúdos em forma de texto corrido e na forma de abordar os conceitos.

Nessa obra, podemos perceber uma abordagem de conhecimento mais prático, a partir da introdução dos estudos geográficos. São trabalhados a construção de mapas e escalas, as formas de representação do relevo, a determinação da distância de lugar, entre outras formas de se aprender Geografia de forma mais prática.

De acordo com Silva (2012) este autor “propôs o ensino, sobretudo da Geografia física, em termos de práticas, por demonstrações concretas e experiências” (p. 384), percebemos que ele pretendia uma forma de ensinar mais ativa, a partir da experimentação, da prática e da comparação. No próximo tópico iremos conhecer os principais conteúdos de Geografia física, apresentados no livro.

3.3 A GEOGRAFIA FÍSICA EM *PRATICAS DE GEOGRAPHIA*

Analisaremos agora os conteúdos de Geografia física que estão prescritos na obra *Praticas de Geographia*. Como durante toda a obra o autor utiliza diversas experiências práticas, apresentaremos as principais que se relacionam com a proposta do trabalho.

No tópico “Experiências relativas a formas do relevo terrestre” Raja Gabaglia (192-) vai dizer que “são muitas as experiências que se poderiam fazer em *Geographia Physica* para demonstrar como se constituíram as formas do relevo terrestre” (p. 19). Para tanto, ele escolhe como exemplo duas demonstrações: a formação em dobras ou rugas da crosta terrestre, por meio do aparelho Hall-Meunier, e outra mostrando a formação de dunas, conforme imagem abaixo:

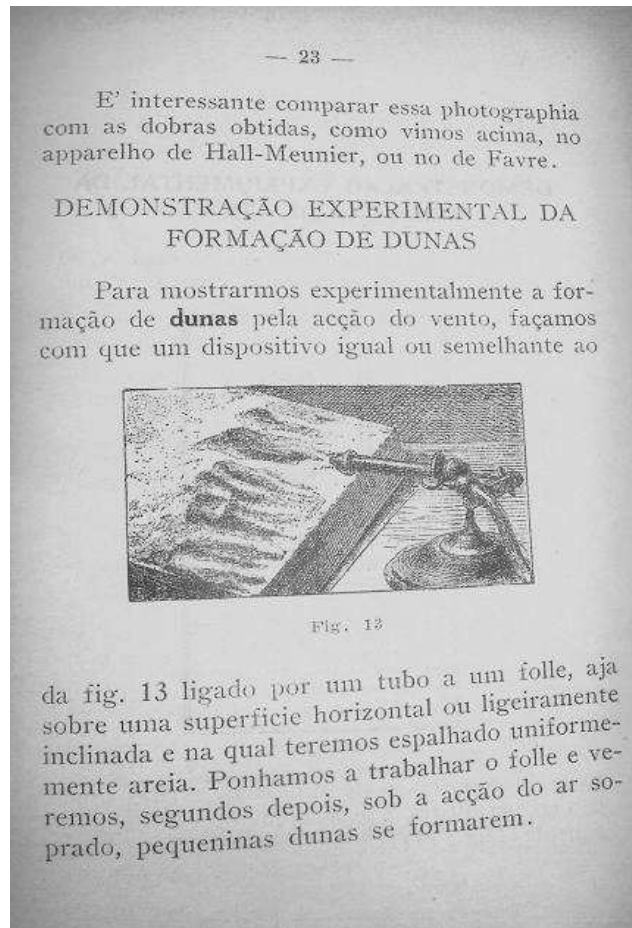


Figura 4: Exemplo de formação de dunas.
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Já podemos perceber, apenas com essa demonstração, que o autor se preocupava com a excursão do experimento, descrevendo-o detalhadamente para que o mesmo fosse bem trabalhado com o aluno. E como já vimos, no tópico anterior, a contribuição de Delgado (1925) a Geografia física não necessita de emprego de palavras difíceis, pode ser explicada de um modo simples, por meio de uma prática, como vimos na imagem acima.

O próximo experimento de Geografia física é a “demonstração experimental da formação de chuvas” ao qual Silva (2012) considera uma proposta “extraordinária” e apresenta na sua tese esse experimento, que Gabaglia vai descrever o seu uso da seguinte maneira:

Ponha-se agua a ferver, numa capsula. O vapor formado se condensará nas paredes de um vaso ou copo cheio de agua fria, e cujo fundo cônico permitirá que a agua torne a cair na capsula (fig. 14). A capsula representa o mar; o fundo conico do vaso ou copo, as altas regiões da atmospherá (192-, p. 24-25).

Podemos ver a imagem desse experimento abaixo:

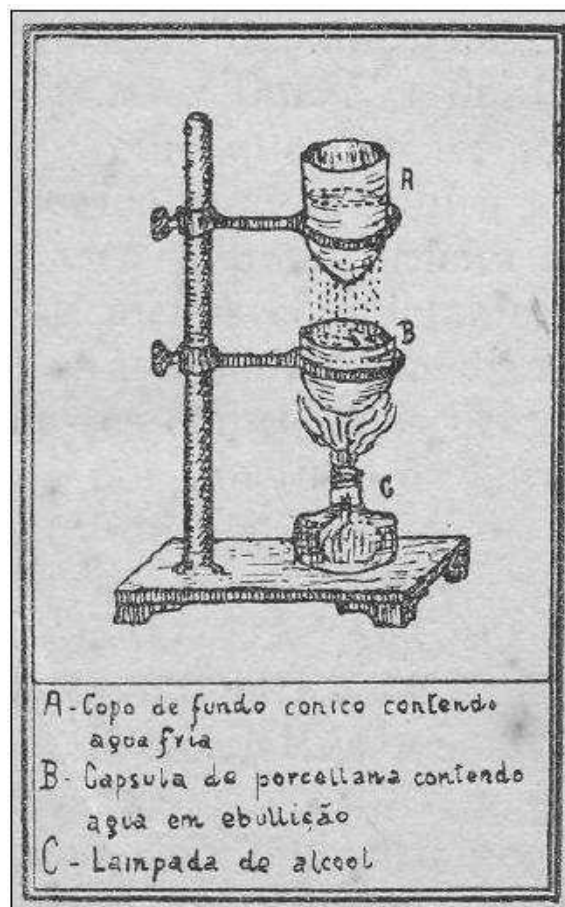


Figura 5: Esquema da explicação para o processo de formação das chuvas
 Fonte: SILVA, 2012.

Percebemos nesses experimentos apresentados no livro há preocupação com a experiência prática, que segundo Valdemarin (2010) “é capaz de mobilizar conhecimento intelectual para produzir saber” (p. 67). Esse modelo de ensino pelo que já estudamos segue um método da observação, no qual o aluno apreciar o desenvolvimento do experimento e elaborar suas conclusões.

Seguindo, Raja Gabaglia vai mostrar o uso de Taboleiro para demonstrar a ação das águas no modelado de terra “neste aparelho, que passamos a chamar taboleiro geologico, a agua cahirá em chuva fina; essa agua virá de uma torneira que se possa fechar mais ou menos” (GABAGLIA, 192-, p. 26). Então os experimentos que seguiram com o uso desse recurso eram: “demonstração da acção das chuvas, das torrentes e das enxurradas”; “demonstração da acção dos rios”; “demolição e contrucção do litoral pelas vagas”; e “demonstração experimental da formação de estuário e delta”. Podemos ver nas figuras 6 e 7 abaixo o uso desse recurso.

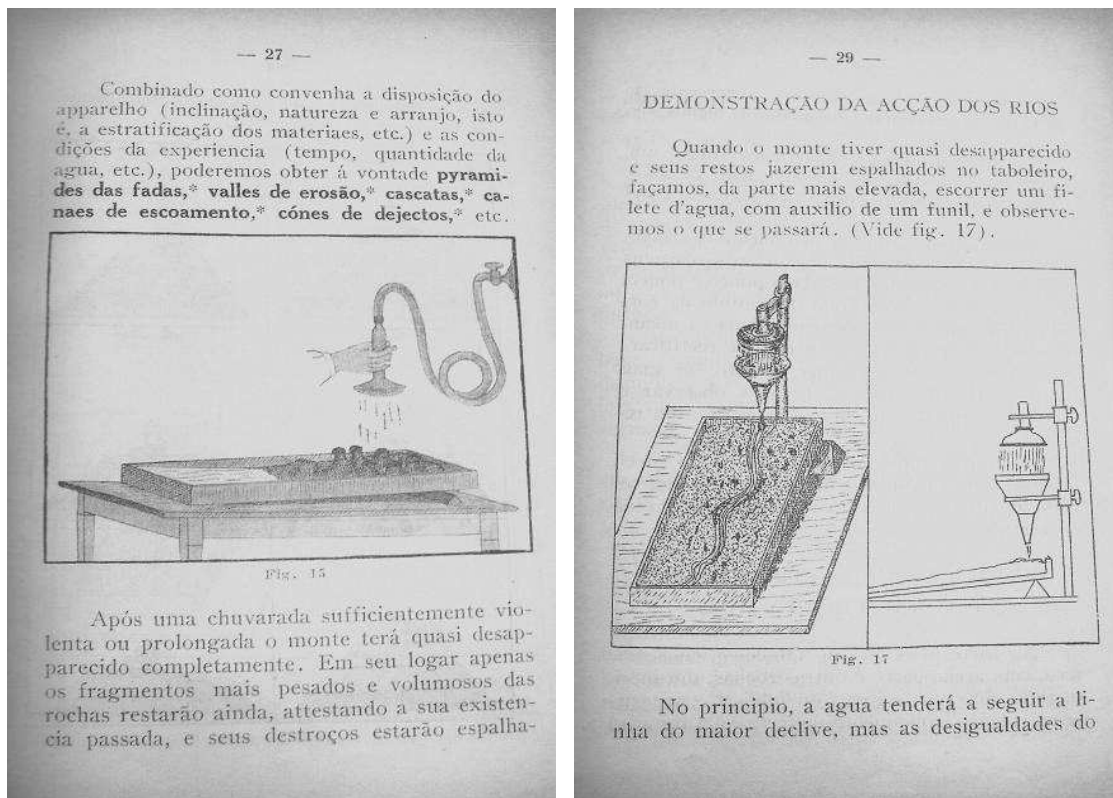


Figura 6 e 7: Exemplo do uso do tabuleiro
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Encontramos a indicação desse recurso também na obra *Methodologia do ensino Geographico*, Delgado de Carvalho como um “eixo das aulas praticas do segundo anno primario” (p. 62).

Tais temas da Geografia fisica foram importantes para a construção da identidade nacional, que como vimos no capítulo anterior, buscavam um discurso sobre sua natureza, a extensão territorial, o privilégio do clima e das águas, e as riquezas naturais. E o Tabuleiro de areia seria uma forma de mostrar praticamente essas temáticas.

Na obra percebemos o que Silva (2012) vai mostrar, que deveria ser explicado o funcionamento, por exemplo, das bacias hídricas, “em vez de somente expor de forma onomástica desses e de outros objetos geográficos” (p. 382) e assim superar o caráter descritivo da Geografia.

A demonstração experimental de fenômenos vulcânicos é um outro experimento trazido no livro, nele Gabaglia utiliza as contribuições do “geophysico francez” Emile Belot para explicar o este experimento, como podemos ver nas figuras abaixo as explicações:

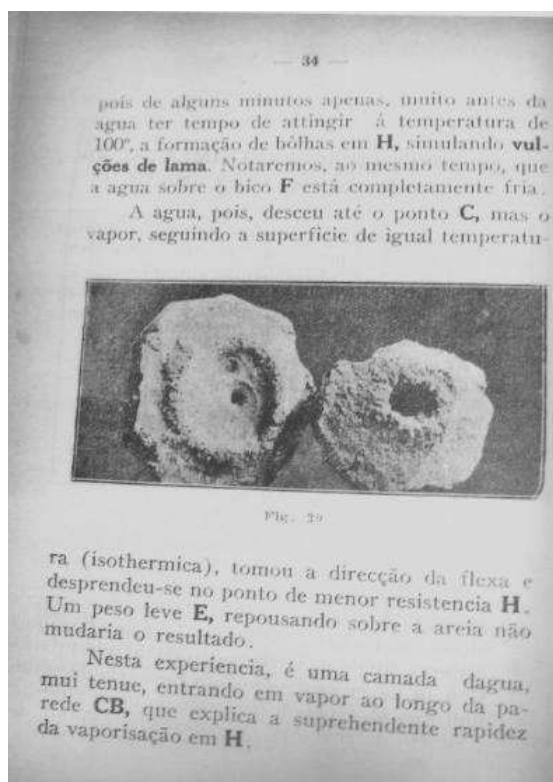
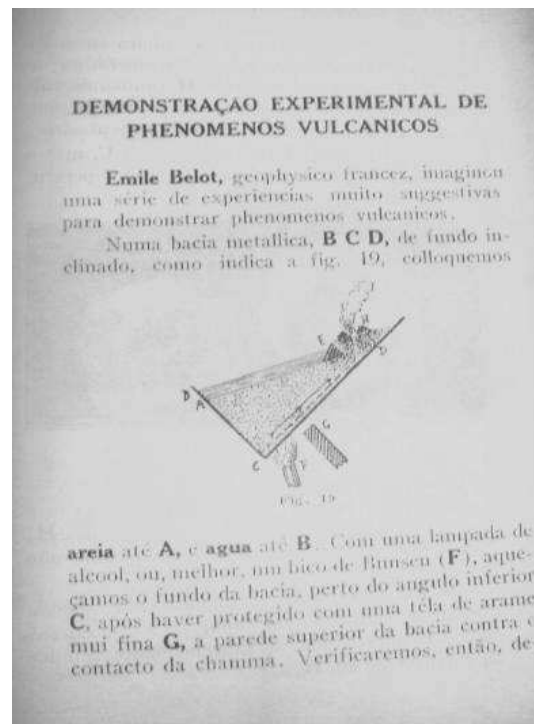


Figura 8, 9 e 10: Exemplo do uso de fenômeno vulcânico
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Nessas imagens percebemos o detalhamento das informações, o passo a passo para que o experimento fosse bem executado pelo professor nas aulas. Raja também apresenta imagens para facilitar a demonstração de como seria o experimento, e trabalha as mesmas ao longo da explicação, como podemos ver nas imagens acima.

Analisando o contexto da época, notamos que o autor buscou superar o caráter mnemônico da Geografia, trazendo experiências de fenômenos que não ocorriam no território brasileiro a partir do uso de objetos de ensino, no lugar das extensas listas de nomenclaturas dos livros didáticos. Assim o aluno que não conhecia vulcões e não sabia como eram as erupções vulcânicas, com esses experimentos podia compreender.

Seguindo, ele explica a influência da temperatura das águas na formação das correntes marinhas utilizando uma demonstração com vaso de vidro:

E nelle lancemos agua; de um lado do vaso ponhamos pedaços de gelo, presos por cordéis na beira do vaso. Aqueçamos com certa precaução outro lado do vaso com uma lâmpada de álcool ou um bico de Bunsen (vide figura 24). Si lançarmos nagua serragem de madeira muito fina, veremos as pequeninas partículas de madeira caminharem do gelo para o fundo, como indicam as flechas da figura. Isto se explica facilmente porque a agua quente sendo mais leve que a agua fria (GABAGLIA, 192-, p.40).

Agora vejamos na imagem (figura 11) a continuação do experimento,

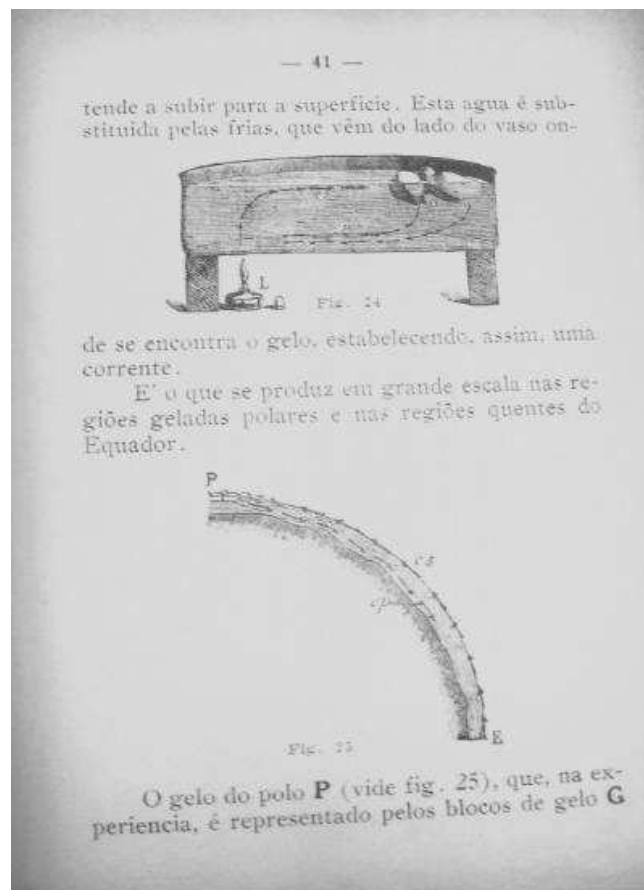


Figura 11: As correntes marítimas
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Além do funcionamento do recurso, objeto didático, podemos perceber que a obra de Raja Gabaglia se enquadra no contexto da época, seguindo as prescrições

metodológicas da Escola Nova, preocupando-se com o aprendizado do estudante, através da participação desse no processo, pois o aluno poderia observar o experimento e aprender. Com isso o assunto estudado estaria mais próximo do aluno, não seria uma realidade tão distante, na imaginação, ele poderia experimentar e visualizar o que acontecia, tanto nesse experimento como nos outros.

Como já foi dito utilização de objetos didáticos, como estes trazidos por Raja Gabaglia, em sala de aula são importantes para estimular o pensamento dos alunos e assim conseguir a aprendizagem, como afirma Valdemarin (2014):

A introdução dos objetos didáticos na educação tem um caráter lúdico, mas também disciplinador: um elemento novo em sala de aula torna-se a classe o centro da atenção das crianças, instaurando assim algo que é comum a toda classe de alunos ao professor, é aquilo que os une no caminho do conhecimento. Mas acima disso traz consigo a possibilidade de uniformizar raciocínios modos de pensar, cristalizando uma forma de apropriação das coisas exteriores num processo que é dirigido pelo professor, o representante naquela situação do legado das gerações precedentes, inclusive com seus valores e seus preconceitos (p. 165).

Finalizando, no tópico II - determinações diversas, além de processos cartográficos o autor vai abordar sobre o clima, seus elementos e fatores, a temperatura, a pressão atmosférica, a pluviosidade e os ventos. Nesses temas ele explica sobre a instalação e manejo de termômetros (para temperatura), barômetros (para pressão atmosférica), pluviômetro (para verificação das chuvas) e anemômetros (para medir a velocidade do vento). Após explicações do uso de cada um desses aparelhos, Raja Gabaglia, vai sugerir exercícios práticos como podemos ver:

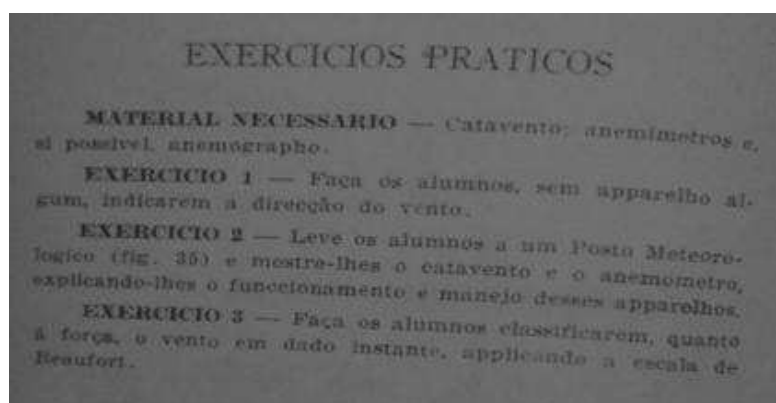


Figura 12: Exercício práticos
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Nesses exercícios podemos perceber a instrução para construção de objetos didáticos associados a aulas de campo, o aprender fazendo forma de conhecimento que os modelos trazidos pela Escola Nova para o Brasil, através da prática do aluno.

Dentre esses objetos didáticos, cabe destacar a importância dos livros, que com na emergência do método intuitivo, eles passaram a ser privilegiados para o uso escolar, como manual didático. Sobre isso Valdemarin (2014) nos mostra que,

Os manuais, além de serem ferramentas pedagógicas para facilitar o ensino e a aprendizagem, expressam também os valores, os conhecimentos considerados necessários para a formação de crianças e jovens, e, por meio de seus textos e de suas imagens, a instituição escolar procura construir consensos e homogeneidade cultural (p.164).

Assim, percebemos que a obra analisada se enquadra dentro desse contexto de manuais que davam apoio ao professor, de acordo com a necessidade da escola, e a partir da década de 1920, procurou a homogeneidade cultural através da formação de uma identidade nacional, por meio do conhecimento do território, através das aulas de Geografia.

Concordamos com Silva (2012) ao afirmar que o autor Raja Gabaglia propôs um ensino, “sobretudo de Geografia física, em termos de práticas, por demonstrações concretas e experiências” (p. 384), dessa forma facilitando a aprendizagem do aluno.

Percebemos que esta obra apresenta uma nova forma de ensinar a Geografia, preocupando com a aprendizagem do aluno e trazendo conteúdos da Geografia física, que segundo Delgado de Carvalho esse conhecimento era indispensável ao ensino, “nunca teremos no ensino a concepção mesmo elementar, mesmo primária da geographia moderna, porque nos falta a indispensável explicação da geographia physica que ‘não é pedida nos exames’ e si fôr ‘pedida’ será ridicularizada” (CARVALHO, 1925, p. 21).

Assim, notamos que o conhecimento da Geografia física foi uma preocupação trazida durante a instauração da Geografia moderna e que autores como Raja Gabaglia tiveram a preocupação de abordar essas temáticas em seus livros, para o auxílio dos professores, buscando assim formar cidadão patrióticos, através do conhecimento do seu território por meio do ensino dessa Geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que as propostas da Escola Nova no Brasil, davam uma nova forma ao ensino, buscando adequar ao contexto político e econômico da época. A década de 1920 marca um momento de difusão desse movimento de renovação sob influência moderna, difundindo fundamentos que subsidiavam a prática do professor. Esse momento revoluciona o contexto educacional, preocupando-se com a aprendizagem do aluno.

O interesse pela Geografia como disciplina escolar se dá pela necessidade de instituir um ideal nacionalista no país, que inicialmente se configurou de uma forma tradicional e mnemônica. Depois, com a renovação dessa disciplina, vamos encontrar um caráter mais significativo no ensino, através do método intuitivo e das experiências práticas, com destaque para os objetos didáticos que são inseridos nestas.

Reiterando, como vimos acima, a Geografia física teve grande importância para formação dos ideais nacionalistas, preocupação da época, pois conhecer o território era uma forma de se apropriar e assim poder valorizar o mesmo.

Raja Gabaglia e Delgado de Carvalho reorganizaram o rumo da Geografia escolar com a inserção da Geografia moderna, constituindo uma nova forma de ensinar Geografia, para tanto, os livros didáticos foram de grande importância para difusão desse pensamento. Estes materiais didáticos tiveram o papel de auxiliar o professor na prática pedagógica e assim estes podiam proporcionar aulas mais bem elaboradas com suporte didático.

Na obra *Praticas de Geographia* de Raja Gabaglia podemos perceber que havia uma preocupação com a forma de ensinar, de maneira prática, por meio de experiência, as quais o aluno fazia parte do processo. Nos experimentos apresentados percebemos os temas de Geografia física levavam ao aluno o conhecimento sobre o seu local. Percebemos que a obra sugere a observação como método, no qual o aluno poderia aprender pelos experimentos, possibilitando ao aluno o contato com objeto e a formulação das suas próprias conclusões.

Então concluímos que a obra segue o método intuitivo, que foi muito utilizado no Brasil na época de difusão dos ideais da Escola Nova, preocupava-se com a observação do aluno e a utilização de objetos didáticos como ponto de partida nas aulas de Geografia. Estes por sua vez, apesar de deixar as aulas mais atraentes diminuindo a distância entre conteúdo e realidade dos alunos, serviam para formar um indivíduo

disciplinado e nacionalista. Ao passo que se ensinava uma Geografia física exemplificava por objetos didáticos, ao mesmo tempo estava sendo incutido nos alunos o amor à pátria.

É notável a preocupação de Raja Gabaglia com a inserção de “novas” práticas em sala de aula. Assim, essa obra caracteriza-se por sua inovação, rompendo com os métodos antigos de se ensinar Geografia. Finalizamos, mostrando que a utilização de objetos didáticos promove aulas de Geografia mais interessantes e práticas, facilitando a aprendizagem dos conteúdos ensinados, principalmente os da Geografia física que, geralmente, são mais complexos.

Apesar de um pouco complexos, os experimentos apresentados na obra podem ser utilizados nos dias atuais, nas aulas de Geografia física, estes podem ser adaptados de acordo com a disponibilidade de matérias que temos hoje em dia. A utilização desses irá permitir o contato com passado e abre as portas para futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Dois Momentos na História da Geografia Escolar: a Geografia Clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**. Rio de Janeiro, v.1 n. 2. p. 19-51. Jul./Dez., 2011. Disponível em:

<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/29>. Acesso em 5 de fevereiro de 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação).

CARVALHO, Delgado de. **Geographia do Brasil**, Tomo I. Rio de Janeiro: Impressões Artísticas, 1913.

_____. **Methodologia do Ensino Geographico**. Petropolis: Typographia das Vozes de Petropolis, 1925.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, v. 2, 1990. p. 177 -229.

DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1959.

DIAS, Angélica Mara de Lima. **Linguagens lúdicas como estratégia metodológica para a Geografia escolar na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1935)**. [Dissertação de Mestrado] UFPB: João Pessoa, 2013. 95f.

FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa. **Os exercícios nos livros didáticos de Geografia no Brasil: mudanças e permanências (1980-1930)**. [Dissertação de mestrado] UFPB: João Pessoa, 2012. 147f.

FURRIM, Adenezile de Fátima Reis, **O ensino de Geografia Física no Ensino Médio: qual seu lugar?** [Dissertação de Mestrado] Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. 172f.

GABAGLIA, Raja. **Praticas de Geographia**. Livraria Francisco Alves. 192-.

GÁUDIO, Rogata Soares del. Ideologia nacional e discurso geográfico sobre a natureza brasileira. **Revista do Núcleo de Estudos e Ideologias e Lutas Socais**, n.17/18 São Paulo: PUC, 2007. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v17_18_rogata.pdf> Acesso em: 16 de fevereiro de 2018.

GÁUDIO, Rogata Soares del.; BRAGA, Rosalina Batista. A Geografia, A educação e a construção da Ideologia Nacional. **Terra livre**. Presidente Prudente, ano 23, v. 1, n 28, p. 177-196, jan-jun/2007.

GATTI, Bernardete, ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian. PFAFF, Nicole. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOODSON, Ivor. Tornando-se uma matéria acadêmica; padrões de explicação e evolução. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, v. 2, 1990. p. 230-254.

MACHADO, Mônica Sampaio. A implantação da Geografia universitária no Rio de Janeiro. **GEOgraphia**. Ano. II. N 3, p. 123-140 jan. /jun., 2000.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 3ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Rodrigues; DIAS, Liz Cristiane; DUARTE, Tiaraju Salini. O ensino de Geografia física: proposta de análise do extremo sul do Rio Grande do Sul; **Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 61-75, out. 2014. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/3190> Acesso em: 16 de fevereiro de 2018.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um Olhar a trajetória da Geografia Escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atual**. [Dissertação de Mestrado] UFPB: João Pessoa, 2007. 130f.

SANTOS, Fátima Aparecida dos. **A Escola Nova e as prescrições destinadas ao ensino da disciplina de Geografia da escola primária em São Paulo no início do século XX**. [Dissertação de Mestrado] USP: São Paulo, 2005. 181f.

SOUZA, Rosa Fátima de. Objetos de ensino: a renovação pedagogia e material da escola primária no Brasil, no século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 103-120, Editora UFPR. jul./set. 2013. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/er/n49/a07n49.pdf> Acesso em: 13 de março de 2018.

_____. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (Org.) **Culturas escolares saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p.163-189.

SILVA, Jeane Medeiros. **A bibliografia didática de Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930)**. [Tese de Doutorado] Uberlândia: UFU, 2012. 414f.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de Ensino. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera Tereza. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. p.153-190

VLACH, Vânia Rubia Farias. O ensino de Geografia no Brasil: Uma perspectiva histórica. In: VESENTINI, José Wiliam (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Papirus Editora, 2004. p. 187 – 218.

REGO, Anizabel Costa Duarte do. **Inovações Pedagógicas na Geografia Escolar**: uma análise a partir de fontes históricas. [Trabalho de Conclusão de Curso] UFCG: Campina Grande, 2016. 47f.

ROCHA, Genylton Odilon Rego. **A trajetória da Disciplina Geografia no Currículo Escolar Brasileiro (1837-1942)**. [Dissertação de Mestrado] PUC: São Paulo, 1996. 289f.

_____. Por uma geografia moderna em sala de aula: Rui Barbosa e Delgado de Carvalho e a renovação do ensino de geografia no Brasil. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**. Ano 08, número 15, p. 75-94, 2009. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/270> Acesso em 5 de fevereiro de 2018.